

PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



PAULO JOSÉ DA COSTA

- ORGANIZADOR -

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2023



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof^ª Dr^ª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof^ª Dr^ª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campina
 sProf^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 aProf^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof^ª Dr^ª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia / Universidade de Coimbra
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Do mito grego à psicanálise: ressonâncias

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Paulo José da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
D631	Do mito grego à psicanálise: ressonâncias / Organizador Paulo José da Costa. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0804-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.048230401 1. Psicanálise. I. Costa, Paulo José da (Organizador). II. Título. CDD 150.195
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

O legado da civilização grega para a cultura ocidental é inegável, assim como a presença da mitologia helênica na construção do arcabouço teórico da psicanálise. De modo geral, herdamos as suas contribuições por meio do que permaneceu intacto, através de registros históricos, arqueológicos, artísticos, linguísticos, etc., que sobreviveu ao tempo e foi absorvido pela posteridade, mas também pelos bens imateriais inerentes. Entretanto, não podemos supor que o patrimônio helênico herdado se mantenha incólume na nossa cultura, mas sobrevive porque é amalgamado ao devir, é readaptado e ressignificado no percurso temporal, geográfico, histórico, social, das ações humanas de cada tempo e lugar.

Tal processo, ao contrário de diminuir a importância desse legado, embora nos possa parecer diluí-lo ou até fazê-lo sair de cena, o mantém vivo porque esse movimento é essencial a sua preservação de diferentes maneiras. Sem isso, o que ele contém de mais significativo referente ao humano se engessaria e assim perderia a sua força e o seu valor, levando-o ao desaparecimento, pois teria perdido o que o faz ser fonte de inspiração, de reflexão, que é o seu dinamismo. Nesta perspectiva, a psicanálise se apropriou de elementos dessa herança, por reconhecer a sua dinamicidade e capacidade de expressão de aspectos profundamente humanos, em constante movimento. Nesse sentido, o modo como Freud se aproximou particularmente dos mitos gregos na construção do *corpus* psicanalítico, resgata a atualidade daquilo que já estava presente na Antiguidade, transformando-o, através de uma abordagem original que lhe permitiu criar um novo campo do conhecimento.

Assim sendo, podemos pensar que a contribuição da civilização helênica para a cultura ocidental, e particularmente para a psicanálise que é o nosso foco de interesse em nossas pesquisas e estudos, se manifesta como uma espécie de eco que pode ser tomado como repetição, mas também como portador de algo para o qual se chama a atenção, que reverbera em múltiplas situações e condições, pelas quais evidencia, transmite, distingue certa coisa que até então talvez estivesse velada ou pouco percebida, que repercute pelo efeito que produz. Portanto, por ressonâncias explícitas ou subjacentes, manifestas ou latentes. É considerando tais ressonâncias e suas inúmeras possibilidades que vimos nos debruçando sobre a interface entre mitologia grega e psicanálise, inseridos na Linha de pesquisa “Psicanálise e Civilização”, do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Estadual de Maringá.

Com foco nessa interface, professores, mestrandos e doutorandos do

referido Programa de Pós-graduação desenvolvem estudos e pesquisas, além de consolidar a disciplina “A mitologia grega e a dimensão trágica do psiquismo: reflexões psicanalíticas”, ministrada regularmente. É desse *corpus* de produções que emergem as nossas publicações, algumas das quais apresentamos no presente livro. Também contamos com a parceria e contribuições de profissionais interessados nessa temática, vinculados às seguintes instituições: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Centro Universitário UDF, Centro Universitário Metropolitano de Maringá (Unifamma), Centro Universitário de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná (UniFatecie), Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá (EPPM) e Prefeitura Municipal de Maringá,

No presente livro, as interfaces entre mitologia grega e psicanálise são abordadas por diferentes perspectivas e temáticas, que expressam a riqueza de possibilidades que emergem do encontro desses dois campos. Assim, no primeiro texto, *Dor mental e engrenagem suicida: um jeito de existir*, é discutido um modo de funcionamento psíquico que cria proteções para evitar o conhecimento de aspectos fundamentais inerentes à condição humana, visando blindar a mente de pensar as verdades penosas, segundo a concepção bioniana. No segundo, por sua vez, denominado *A clínica psicanalítica e a ética trágica na pós-modernidade*, apresenta e argumenta acerca da relação entre os fundamentos psicanalíticos e o pensamento filosófico trágico, remetendo a uma ética trágica norteando o trabalho do psicanalista e auxiliando a compreensão de qual é o lugar ocupado pela psicanálise no mundo contemporâneo.

Quanto ao terceiro texto, intitulado *Deméter e Perséfone: reflexões acerca das dificuldades de separação subjetiva entre mãe e filha*, parte de vivências oriundas da clínica para refletir sobre a modalidade relacional em que não ocorre a separação e a diferenciação necessárias, no processo de subjetivação, envolvendo a dupla mãe-filha. Na sequência, em *Narciso e o espelho: análise de uma narrativa mítica*, o exame recai sobre o mito de Narciso a partir de sua estruturação narrativa, tendo por base tanto elementos textuais quanto psicanalíticos. Em *Jasão: o herói adormecido*, além de apresentar este mito, investiga as características do seu processo heroico em sua relação com Medeia.

No texto *O destino de John Connor na trilogia “O exterminador do futuro”*: *esboços psicanalíticos e trágicos*, a partir de elementos psicanalíticos e trágicos,

são propostas algumas possibilidades para se pensar a presença mítica na contemporaneidade, através do exame de aspectos presentes no personagem principal da referida obra cinematográfica. Com relação ao sétimo texto, *Do rito fúnebre ao mito das origens: questões do sujeito a partir de Antígona e Incêndios*, a partir da personagem sofocleana e de uma peça teatral, ambas indicadas no título, traz reflexões com o intuito de pensar acerca da noção de sujeito desde o seu enlaçamento com a cultura e sobre o registro do mito, enquanto possibilidade para se pensar as origens e a morte.

Quanto ao próximo texto, *Anacronia no enigma edípico: paradigma do tempo em psicanálise*, busca defender a existência de uma anacronia no processo de formulação do enigma edípico, sendo necessário, para tanto, tratar sobre a tese do tempo tal como se apresenta na tragédia de Sófocles sobre o rei Édipo e a dinâmica da atemporalidade inconsciente, do ponto de vista psicanalítico. Sequencialmente, em *A disjunção entre a mulher e a mãe em Medeia*, são levantados questionamentos a respeito do destaque dado por Eurípidés à personagem e seu ato filicida, a partir do que se constroem análises evidenciando as distinções entre a mãe e a mulher, trazendo para o campo psicanalítico como pauta de importante discussão.

Intitulado *O avesso de Procusto: algumas observações acerca da inquietante função do analista*, o décimo texto apresenta uma reflexão sobre a alteridade e suas implicações metapsicológicas, argumentando pela perspectiva da função analítica. Em seguida, desenvolvendo conexões entre as noções de frenesi báquico e de loucura privada, enquanto possibilidades de se pensar a clínica psicanalítica na atualidade, temos *O frenesi báquico e a loucura privada: articulações entre a psicanálise e a tragédia As Bacantes*. Finalizando esse conjunto de estudos, consta *Medeia e o filicídio: comoção e horror*, no qual a proposta é examinar as possíveis reações que as pessoas têm perante a situação de assassinio dos filhos pela própria mãe, analisando a partir dos conceitos de recalque e de formação reativa.

Esperamos que a leitura do presente livro possa contribuir para a reflexão e para a promoção de debates, favorecendo o surgimento de novos entendimentos envolvendo as questões levantadas e discutidas aqui. E propiciar deleite (porque não?), tendo em vista a arte envolvida nos mitos gregos.

SUMÁRIO**SUMÁRIO** 5**CAPÍTULO 1** 1

DOR MENTAL E ENGRENAGEM SUICIDA: UM JEITO DE EXISTIR

Angélica Calaresi Wolff

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304011>**CAPÍTULO 2** 10

A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A ÉTICA TRÁGICA NA PÓS-MODERNIDADE

Gabriel Crespo Soares Elias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304012>**CAPÍTULO 3** 31

DEMÉTER E PERSÉFONE: REFLEXÕES ACERCA DAS DIFICULDADES DE SEPARAÇÃO SUBJETIVA ENTRE MÃE E FILHA

Michelle Cintya Bacini

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304013>**CAPÍTULO 4** 48

NARCISO E O ESPELHO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA MÍTICA

Alcione Lucena de Albertim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304014>**CAPÍTULO 5** 65

JASÃO: O HERÓI ADORMECIDO

Viviana Carola Velasco Martinez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304015>**CAPÍTULO 6** 85

O DESTINO DE JOHN CONNOR NA TRILOGIA “O EXTERMINADOR DO FUTURO”: ESBOÇOS PSICANALÍTICOS E TRÁGICOS

Carlos Henrique Barbosa Vieira

Paulo José da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304016>**CAPÍTULO 7** 108

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304017>

CAPÍTULO 8	125
ANACRONIA NO ENIGMA EDÍPICO: PARADIGMA DO TEMPO EM PSICANÁLISE	
João Milton Walter Tavares	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304018	
CAPÍTULO 9	143
A DISJUNÇÃO ENTRE A MULHER E A MÃE EM MEDEIA	
Lauro Barbosa	
Maria Cristina Poli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0482304019	
CAPÍTULO 10.....	156
O AVESSE DE PROCUSTO: ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACERCA DA INQUIETANTE FUNÇÃO DO ANALISTA	
Mauricio Rodrigues de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040110	
CAPÍTULO 11	172
O FRENESI BÁQUICO E A LOUCURA PRIVADA: ARTICULAÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE E A TRAGÉDIA AS BACANTES	
Ana Flávia Cicero Conde	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040111	
CAPÍTULO 12.....	187
MEDEIA E O FILICÍDIO: COMOÇÃO E HORROR	
Emanuely Jackeliny Pissinati Martins	
Viviana Carola Velasco Martinez	
Paulo José da Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.04823040112	
SOBRE OS AUTORES	205
ÍNDICE REMISSIVO	208

DO RITO FÚNEBRE AO MITO DAS ORIGENS: QUESTÕES DO SUJEITO A PARTIR DE ANTÍGONA E INCÊNDIOS

Data de aceite: 11/11/2022

O presente trabalho advém da tese de doutorado da autora, intitulada “O feminino nos caminhos da pulsão: da sublimação à escrita”, defendida em 2017, no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Hevellyn Ciely da Silva Corrêa

Universidade Federal do Pará

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1924-0648>

A interseção entre Psicanálise e Mitologia Grega, tema disparador do presente trabalho, já é um terreno conhecido dos psicanalistas, já que desde Freud (1996; 2010) a referência a mitos e personagens trágicos mostra a importância do mundo grego para o saber da psicanálise, e se manteve como solo fértil para diferentes leituras e atualizações (RUDNYTSKY, 2002; AZEVEDO, 2004). Quando nos referimos a algo conhecido – importante que se destaque desde nossas primeiras linhas –, não dizemos de uma plena apreensão, tampouco de um esgotamento em que só

caberia retornos ao que já fora produzido, mas de um percurso que nos oferece embasamento e, com isso, permite novas entradas.

Partindo, portanto, do que a trajetória psicanalítica tem a nos oferecer e procurando novos caminhos, buscaremos pensar a noção de sujeito a partir daquilo que o distancia de uma possível natureza instintiva e o enlaça à cultura: o registro simbólico enquanto constitutivo, porque referido ao inconsciente. Tal questão será abordada a partir da personagem Antígona, de Sófocles (2009), e da peça teatral *Incêndios*, de Wadji Mouawad (2013), as quais nos ajudarão a pensar o registro do mito, não apenas como cosmologia, tal qual a perspectiva do mundo grego antigo, mas como tratamento possível para as origens e para a morte.

Desta maneira, nosso exercício de pensamento já se inicia considerando a importância da palavra enquanto ordenadora possível daquilo que escapa ao sujeito

que, por não ter um saber prévio e homogêneo sobre o sexo e a morte, cria e organiza saberes que contêm em si a ambiguidade própria a esta criação que, a um só tempo, retoma pontos anteriores ao sujeito que, assim, não é seu único criador, e igualmente lança elementos novos desde a perspectiva do sujeito. Com isso, podemos dizer que o mito e o ritual operam na perspectiva singular e coletiva, sem que estas duas perspectivas sejam opostas ou idênticas, mas que ambas contêm a articulação entre elementos imaginários e a construção de sentidos simbólicos, os quais sempre deixarão escapar algo que dá a ver o registro real (AZEVEDO, 2004).

A concepção de mito da qual partimos, e que nos ajudará a pensar o mito das origens no espetáculo teatral *Incêndios* (MOUAWA, 2013), está intimamente ligada à leitura lacaniana, que, ao articular inconsciente e linguagem, dá ao mito um lugar também na estruturação do sujeito. No entanto, sabemos que as concepções de mito são múltiplas e encontram, em estudos históricos e filosóficos (ELIADE, 2000; MENARD, 1985; VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2008), avanços que escapam aos nossos objetivos. Sem desviar de nosso percurso, mas sem deixar de pontuar a perspectiva da qual partimos, pontuamos que desde Freud sabemos da recorrência ao mito – seja da teoria das pulsões tomadas como a mitologia da psicanálise (FREUD, 2010e), ou o mito de *Totem e tabu* (FREUD, 2017) –, mas é com a recorrência de Lacan a Lévi-Strauss, que a perspectiva da qual partimos se torna mais evidente, pois vinculada àquilo que há de mais singular do sujeito. Nas palavras de Lévi-Strauss (1985, p. 228)

Todo mito é uma procura do tempo perdido. Esta forma moderna da técnica xamanística que é a psicanálise, tira, pois, seus caracteres particulares do fato de que, na civilização mecânica, não há mais lugar para o tempo mítico, senão no próprio homem.

Havendo na psicanálise um espaço para o tempo mítico, e este espaço situado no próprio sujeito, mito e psicanálise se encontram em pontos nos quais se podem operar relações fundamentais entre sujeito e cultura. Também nestes pontos de união entre sujeito e cultura, irá se colocar a simbolização da morte através do rito fúnebre, de tal modo que rito e mito só podem ser pensados em íntima relação com o sujeito do inconsciente.

Para pensar origens e morte enquanto registros que, no sujeito, precisam passar pela palavra, de início nos dedicaremos à leitura lacaniana da personagem Antígona, a partir do *Seminário 7: A ética da psicanálise* (LACAN, 1995), direcionando-nos ao trajeto da personagem de Sófocles que, para dar honras fúnebres ao irmão, se opõe à lei da *polis* mesmo sabendo do castigo previsto a tal oposição. Seguindo a leitura de Lacan, iremos nos dedicar àquilo que este gesto carrega não de rebeldia ou mera oposição, mas de uma resposta ao desejo, ao qual vida e morte estão intimamente ligadas.

Assim como a ritualização da morte passa pelo registro do desejo, as origens

também passam e, ao dizerem respeito ao sexo, são atravessadas pelo simbólico que, desta maneira, não iguala sexo a procriação e a ciclos vitais instintivos, mas costura os desejos que antecederam o sujeito e lhe deram um lugar no desejo do Outro. Para dar uma baliza discursiva a estes desejos, o mito ordena uma cadeia que dá bordas ao sujeito e igualmente o vincula a uma linhagem familiar e cultural. Aqui, nossa segunda personagem teatral, Nawal Maruan, da peça *Incêndios* (MOUAWAD, 2013), nos ajudará a pensar os limites e possibilidades que este mito das origens oferece ao sujeito, quando não se trata de uma fabulação linear e sem cortes, mas de torções e revelações que se mostram tão trágicas quanto o destino de Antígona.

Para seguir este itinerário, que leva do rito fúnebre ao mito das origens, nos dedicaremos a seguir ao enredo de Antígona, e àquilo que este enredo pode nos oferecer.

ANTÍGONA E A SUBJETIVAÇÃO DA MORTE ATRAVÉS DO DESEJO

Ao nos direcionarmos à Antígona, nosso trabalho já parte da importância alcançada por esta personagem na história do teatro ocidental e na psicanálise, o que nos oferece diferentes formas de entrada neste campo. Dentre estas diferentes formas, nosso trabalho elege os modos com que a figura da heroína, em seu particular destino de andar deliberadamente sobre a navalha trágica, foi erguida a modelo para pensar a sublimação e a ética da psicanálise a partir do ato de sepultar o irmão.

O enredo trágico conta o trajeto da personagem em busca de honras fúnebres ao irmão Polinices mediante a proibição deste rito, já que o morto, assassinado em batalha pelo próprio irmão Etéocles, é considerado pelo rei Creonte um traidor de Tebas que não se adapta à lei por ele decretada, a qual só concede enterro ao outro irmão por lutar a favor da *polis* tebana. Porém, não se trata de qualquer mulher, mas de Antígona, filha de Édipo e sobrinha de Creonte. A heroína tem com estes personagens relações de parentesco, que dão nuances ao enredo desde sua primeira fala:

Antígona:

Homossanguínea irmã, querida Ismene,
Será que Zeus nos poupa, enquanto formos
vivas, de alguns dos males que abateram
Édipo? O rol do horror está completo:
Dor, despudor e desonor, que dissabor
nos falta? O general promulga
um decreto à cidade toda. Sabes
algo de seu teor ou desconheces

os males que inimigos têm causado
a quem ambas amamos?
(SÓFOCLES, 2009, vv. 1-10, p. 25)

Em suas palavras, a heroína refere-se aos males advindos de seu pai e irmão, e trata o tio pela nomeação de Estado que representa, a ele vinculando os males que recaem sobre seus amados; apontando assim para elementos pressupostos – os males que abateram Édipo, a lei decretada por Creonte que é contrária a tradição, o rol do horror – que darão ensejo ao seu plano de enterrar o irmão. No entanto, estes pressupostos não atuam na narrativa de modo causal, pois a heroína deles faz uso de forma eminentemente trágica, ou seja, mantendo o conflito inconciliável entre os impulsos *apolíneo* e *dionisiaco*, o embelezamento e o horror (NIETZSCHE, 2007).

O conflito inconciliável, o *ágon* entre a beleza harmônica e o horror, é exercido pelos heróis sofoclianos, diz Nietzsche (2007), transfigurando a precisão e a clareza do diálogo apolíneo ao colocá-lo na boca de um herói que, por suas palavras, diz da natureza terrível. Por este jogo, aquilo que viria ofuscar e afastar o olhar, surge como forma de proteger do terror, nas palavras do autor: “as luminosas aparições dos heróis de Sófocles, em suma, o apolíneo da máscara, são produtos necessários de um olhar no que há de mais íntimo e horroroso na natureza” (NIETZSCHE, 2007, p. 60).

Assim, as palavras de Antígona, ao mesmo tempo em que situam a plateia no enredo e lhe dão clareza, protegem do horror carregado por elas, paradoxo que é exercido pela imagem da heroína. Também direcionado à imagem de Antígona é que Lacan (1995) verá no belo a visada do desejo, vinculando assim a filha de Édipo, com sua beleza que ofusca, àquilo que estaria no fundamento da ética da psicanálise e do trabalho sublimatório. Portanto, por responder ao desejo, a bela Antígona empreenderá sua trajetória trágica, resposta que tem muito a dizer à sublimação que, a um só tempo, satisfaz a exigência de trabalho pulsional e faz laço social.

Detendo-se ao que escapa à formalização da narrativa, Lacan (1995) irá empreender a leitura de Antígona em seu particular destino de andar sobre a navalha trágica, servindo de modelo para pensar a sublimação e a ética própria à psicanálise, as quais não são da ordem do Bem. Ao distorcer, desta forma, a relação entre Bem e Belo, que a doutrina platônica impingiu ao campo das artes em sua relação com o saber, e fazendo cair por terra o ar moralizante que se estendia sobre a noção de ética, Antígona se oferece, através de sua beleza, como forma de ver além e ao mesmo tempo ofuscar sua natureza.

Ocupando-se da tragédia grega, Lacan (1995) faz uma leitura particular do enredo sofocliano de Antígona. Sob a pena lacaniana, notamos que não se trata de uma oposição entre lei humana e tradição divina, pois é ao seu desejo que a heroína responde, com toda a

carga de prazer e sofrimento que ele carrega. Porém, a resposta ao desejo, sustentada por Antígona através do belo, é também por ele impedida, estabelecendo o paradoxo: o desejo pode ser eliminado do registro do belo, na medida em que tem o efeito de suspendê-lo. No entanto, o desejo não deixa de se manifestar no belo, fazendo dele sua visada. Nestes termos, estabelecem-se as duas faces do belo frente ao desejo, quais sejam, extinção ou temperança do desejo e também sua disrupção.

Notamos, assim, que Lacan extrai do enredo de Antígona importantes questões para pensar o destino sublimatório e, mais ainda, a ética da psicanálise, mostrando que a mesma dinâmica dramatúrgica sinaliza diferentes pontos a práxis psicanalítica. No que diz respeito ao nosso interesse, os ritos fúnebres ao irmão como um movimento que diz respeito ao estatuto de sujeito, podemos dizer que não é a morte como finitude corporal que Antígona busca ou evita, mas é a morte do sujeito enquanto apagamento simbólico que ela não suporta e, conforme destaca Lacan (1995), já se sente entre os mortos quando impedida de dar as últimas honras ao irmão.

A heroína, portanto, encontra-se entre duas mortes, pois vive entre aqueles a quem quer honrar e, assim se afasta dos que a acompanham – como a irmã Ismene e o noivo Hemon –, ao mesmo tempo em que deseja dar uma simbolização à morte que, de outra maneira, sequer pode ser tomada como tal. Em outras palavras, é pela insistência em simbolizar a perda do irmão, que um corte pode ser realizado e inaugurar o que se chama morte, pois, nas palavras de Lacan (1995, p. 338), “Este corte é manifesto a todo instante pelo seguinte, a linguagem escande tudo o que ocorre no movimento da vida”.

Neste sentido, a morte está intrinsecamente ligada à operação significante e, portanto, à própria constituição do sujeito, o qual não existe sem a morte instaurada pelo significante. Situamo-nos, portanto, em um registro no qual a morte diz respeito ao estatuto do sujeito, desde a sua constituição, retirando-o de qualquer leitura biológica de ciclos vitais que se auto-engendram, até sua manutenção enquanto símbolo após o perecimento corporal, fazendo da produção de memória um triunfo possível sobre a finitude.

Ao impor a proibição de sepultamento a Polinices, Creonte busca elidir sua condição de sujeito, sendo contra isto que Antígona se levanta e, com um desejo decidido, se direciona ao triunfo possível do sujeito sobre a morte, ainda que isto a leve ao castigo que lhe tira a vida. A este respeito, nos diz Vorsatz (2010, p. 103):

Trata-se, para Antígona, de fazer valer aquilo que, por não estar escrito, funda a ordem significante, ainda que ao preço de sua própria perda, uma vez que se situa para além de todo e qualquer *pathos* humano. Desse modo, a heroína trágica não visa se opor à cidade ou ainda às ordens do soberano, mas em garantir, por seu ato, esta mesma ordem. Esse é o passo de Antígona, passo ético por excelência. O *Kerigma* promulgado por Creonte elidiria a dimensão da morte e, sem esta, o que se poderia supor à vida? A vida sem a dimensão

da morte seria a eternidade, dimensão fora do tempo, sem fim e sem começo. Apenas os deuses são imortais, os homens compartilham desse desejo comum, a morte, que lhes assegura uma vida precária, decepada, parcial e finita.

Para preservar a dimensão da vida, em sua parcialidade fundadora do próprio sujeito, a heroína sofocliana segue em direção à morte anunciada e, além de não evitá-la, retira de seu alçó a possibilidade de dar fim à vida, pois, como o enredo da peça apresenta, a personagem é encontrada morta antes mesmo de seu castigo ser executado, conforme anuncia o mensageiro: “A vimos na longínqua tumba, suspensa pela garganta, que o véu de linho estrangulava.” (SÓFOCLES, 2009, p. 91-92). A morte de Antígona por enforcamento, e a maneira como ela é tomada na escrita sofocliana, é destacada também por Lacan (1995), que dá ênfase à escolha da heroína: “Antígona é aquela que já escolheu sua visada em direção à morte. A invocação que se tece em torno dessa haste é outra coisa, ela não chega, no caso, ao desafio humano” (p. 345).

Lacan, nesta passagem, destaca que, mesmo que o enforcamento reapareça em outras peças trágicas, com fundo religioso e mítico que apontaria um desafio humano em oferecimento aos deuses, em Antígona ela é a marca do desejo da heroína. Com isso, notamos o destaque à humanidade dos heróis sofoclianos que, conforme sublinham autores como Lesky (1996) e Vernant (1991), mostra toda a complexidade entre caráter humano e destino divino. No entanto, ainda que a leitura de importantes helenistas aponte este traço de Sófocles, enquanto algo que compõe a história da dramaturgia ocidental, o que Lacan (1995) destaca é a relação do homem com o significante:

Concebo que Sófocles ocupe uma posição mediana, mas ver nele não sei que parente do humanismo seria dar um sentido novo a essa palavra. Sentimo-nos no final da veia do tema humanista. O homem, para nós, está-se decompondo como que pelo efeito de uma análise espectral da qual lhes forneço aqui um exemplo caminhando na juntura entre o imaginário e o simbólico onde vamos no encaixe da relação do homem com o significante, e do *splitting* que ela engendra nele. Um Claude Lévi-Strauss busca a mesma coisa quando tenta formalizar a passagem da natureza à cultura, e, mais exatamente, a falha entre a natureza e a cultura. (LACAN, 1995, p. 323).

Com a divisão instaurada pelo significante, natureza e cultura não podem ser tomadas a partir de uma linha de continuidade, mas pela falha, a qual promove laços que não estão remetidos à natureza, tampouco que sejam explicados exclusivamente pela ordenação social. A insistência de Antígona em sepultar o corpo de Polinices não pode ser explicada pela relação de consanguinidade entre eles, assim como a instituição da lei que proíbe tal sepultamento não alcança a todos de forma monolítica, como mostra a posição da heroína.

Através da juntura e dos descompassos entre imaginário e simbólico, o rito fúnebre

que Antígona quer dar a Polinices tem tamanha importância, pois revela um registro próprio ao sujeito, que retira o corpo da condição de finitude corporal e lhe confere o estatuto de cadáver. Não tomado como um corpo em putrefação, o cadáver de Polinices é enterrado em solo tebano por sua irmã que, fazendo amarras entre passado e futuro, lhe garante o pertencimento cultural e familiar, as leis não escritas, assim como sublinha o traço singular daquele sujeito, com sua história particular que, inclusive, é tomada por Creonte para justificar a proibição de seu enterro.

O trágico destino de Antígona, neste sentido, não está situado em uma determinação divina, tampouco seu pertencimento à linhagem do Labdácidas é suficiente para explicar seu gesto – ainda que autores como Lesky (1996) e Vieira (2009) destaquem o caráter inexorável da heroína como um traço herdado de Édipo –, pois ele diz respeito não apenas a sua história individual, na qual supostamente se poderia antever uma psicologia da personagem. Ao revés, seu gesto, ainda que singular e marcadamente diferente de outros personagens, não pode ser compreendido sem o caráter de enlaçamento do que há de mais comum a todos: a relação entre sujeito e cultura que se atualiza através da marcação simbólica da finitude. Desta maneira, compreendemos como Lacan (1995) pensa o desejo, e a ética da psicanálise enquanto ética do desejo, a partir desta personagem.

Assim como a ritualização da morte dá a ver um estatuto próprio ao sujeito, em sua relação com o significante, a busca pelas origens também carrega tal estatuto, mostrando que início e fim não dizem respeito a ciclos naturais autoexplicativos, mas convocam o sujeito à construção daquilo que lhe precedeu e do que perdura após a finitude corporal. Na busca de pistas que apontem ao sujeito, nosso trabalho irá se direcionar a outra personagem teatral, desta vez de uma obra contemporânea, que, tal qual a heroína Antígona, traz a relação com a morte de maneira muito estreita e, conforme apresentaremos na seção seguinte, não está em oposição excludente à vida, pois com ela se compõe a partir de um trabalho simbólico.

MITO DAS ORIGENS: ENTRE INVENÇÃO E REVELAÇÃO

Tratar da busca pelas origens, a partir da peça teatral *Incêndios* (Mouwad, 2013), já de início mostra a atualização do caráter psicanalítico inaugurado por Freud, o qual tomou a tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, como emblemática do desejo humano, por colocar em cena os descompassos do herói quando busca escapar daquilo que lhe fora revelado sobre suas origens. Por estas origens lhe serem essencialmente desconhecidas e, ao mesmo tempo, alcançarem o sujeito justamente quando tenta delas escapar, Freud vê na trajetória de Édipo o que pode ser pensado sobre o sujeito do inconsciente. Faremos o mesmo movimento, de ver na busca pelas origens oferecerem algo do sujeito do inconsciente, a

partir da obra criada por Mouawad.

A obra *Incêndios* (2013) é a segunda de um quarteto¹ escrita por Wajdi Mouawad, antecedida por *Littoral* (2009a) e seguida por *Forêts* (2009b) e *Ciels* (2009c); a que o autor denomina “Sangue das Promessas”. A independência entre as narrativas garante que esta união entre elas se dê por um tema comum que as atravessa, sem que para tanto haja a retomada de personagens ou acontecimentos; este tema comum, diz o autor no prefácio de *Incêndios* (2013), é a questão da busca pelas origens. Na obra em que Nawal Maruan é a protagonista, este tema comum encontra um desenho muito particular, na medida em que a busca por origens empreendida pela personagem a encaminha a dar origem a outros destinos.

A peça inicia-se com a leitura do testamento de Nawal Maruan pelo tabelião Hermile Lebel, diante do casal de filhos gêmeos Jeanne e Simon; entre alguns poucos pertences deixados a cada um, estão três cartas: uma dedicada ao pai, que até então os gêmeos acreditavam estar morto, outra a um terceiro filho, irmão que até aquele momento Jeanne e Simon desconheciam a existência, e o aviso de uma última carta dedicada a eles, que só lhes será dada após a entrega aos destinatários anteriores. Além das cartas, o testamento trazia o pedido de ser enterrada nua e com o rosto virado para o chão, sem qualquer escrita em sua lápide². Desde a leitura do testamento, pela reação dos filhos deixa-se antever a hostilidade presente na relação deles com a mãe e, com a revelação de um novo irmão e do pai ainda vivo, dispara a agressividade por conta do segredo mantido durante toda vida, que então surge como trabalho deixado aos herdeiros.

A presença das cartas atravessará toda a narrativa que se passa no presente, o que será alternado pela história da jovem Nawal Maruan, encenando a história de seu primeiro amor por Wahab, da infância com ele compartilhada e, já na primeira cena em que se conta esta história de amor, da despedida entre eles, pois Wahab será levado dali. Sem o detalhamento sobre do que se trata este “ser levado”, compreendemos que se refere a questões políticas que permeiam o Oriente Médio e, o que nos interessa ainda mais, de um destino que se desenha nesta separação, pois na cena seguinte ao “aconteça o que acontecer, vou te amar para sempre” (MOUAWAD, 2013, p. 46) dito ao companheiro, assistimos a protagonista dar à luz a um menino e lhe dizer as mesmas palavras antes de se separar da criança.

1. Apesar do termo tetralogia ser comum para se referir a obras dramáticas, segundo Coissard (2014), Wajdi Mouawad prefere o termo “quarteto”, ainda que compreenda e também use o outro termo pelo seu laço com o mundo teatral. Tal preferência é explicada pelo autor por compreender as obras não apenas por uma linha de escrita que as une através de um tema de inspiração, mas, como o sentido musical carrega através do termo quarteto, por uma composição em torno de uma execução comum, naquilo que o autor chama de “uma tentativa de recontar um grito” (COISSARD, 2014, p.8).

2. Este pedido da personagem está intimamente ligado às saídas encontradas por Nawal Maruan diante do que lhe fora revelado no decorrer da trama e, uma vez que diz respeito a um rito fúnebre, não podemos deixar de sublinhar o movimento, tal qual da Antígona, de fazer do sepultamento uma inscrição simbólica de algo do sujeito.

Nestes flashes entre a história atual e a história passada, o espectador é lançado aos elementos que conduzem àquilo que as cartas-testamento carregam como tarefas aos filhos gêmeos, tanto no sentido da consecução destas tarefas, quanto no trajeto de uma mãe que segue em busca do filho que lhe foi tirado na tentativa de salvá-lo dos ataques ao local. Ao acompanharmos Nawal, já com 40 anos de idade, na prisão em busca do filho, notamos em sua fala à amiga Sawda a repercussão da guerra, mas também a sua resposta oposta ao horror:

Sawda: Então, a gente não se mexe, é isso?

Nawal: Mas quem você quer convencer? Você não está vendo que tem homens que não se pode convencer? Homens que não se pode persuadir de qualquer coisa que seja? Como você quer explicar pro cara que urrava nos ouvidos dessa mulher “escolhe!”, exigindo que ela mesma condenasse os filhos, que ele se enganou? [...] Sawda, quando arrancaram meu filho do meu ventre, depois dos meus braços, depois da minha vida, compreendi que era preciso escolher: ou eu arrebento a cara do mundo ou faço tudo pra encontrar ele de novo. E cada dia eu penso nele. Ele tem 25 anos, a idade de matar e a idade de morrer, a idade de amar e a idade de sofrer; então no que estou pensando, você acha, quando estou te contando tudo isso? Penso na sua morte evidente, na minha busca imbecil, no fato de que serei pra sempre incompleta porque ele saiu da minha vida e que nunca verei seu corpo ali na minha frente. Não pense que a dor dessa mulher eu não sinta. Está em mim como um veneno. [...] Todos os dias eu vivo no rosto daqueles que destroem nossas vidas. Vivo em cada uma de suas rugas, e basta eu fazer isso para arrancar a carne deles todas até a moela de suas almas, está me ouvindo? Mas fiz uma promessa, uma promessa para uma velha mulher de aprender a ler, a escrever a falar, para sair da miséria, sair do ódio. E vou cumprir essa promessa. Custe o que custar. Não odiar ninguém, nunca, a cabeça nas estrelas sempre. Promessa para uma mulher que não era bonita, nem rica, nem nada de nada, mas que me ajudou, cuidou de mim e me salvou. (MOUAWAD, 2013, p. 90-91)

Responder ao horror fora do ódio, com a escrita e a fala como promessas desta resposta fora do ciclo odioso, eis o que guia Nawal em busca do filho e, ainda que a continuidade desta cena seja o plano de matar o chefe da milícia, tal plano carrega a intenção de acertar um único alvo, sem que outras pessoas sejam atingidas. Com a consecução do plano, de atingir com “duas balas gêmeas” (MOUAWAD, 2013, p. 92) o chefe da milícia, Nawal é levada para outra prisão, onde tragicamente encontrará o filho no carrasco que a engravida. Para não lançar mão novamente de saídas através da violência – a qual, mesmo pontual e buscando atingir um agente do ciclo de guerras, a levou à reviravolta de encontrar aquele que procurara neste mesmo ciclo –, Nawal escreve cartas, colocando no campo da palavra o que a atingiu e não conseguiu se tornar fala durante a vida.

Portanto, a escrita das cartas e seu endereçamento em forma de testamento, mais do que uma narração descritiva, carrega o trabalho desta mulher face ao horror. Nos

tortuosos caminhos conduzidos por seu desejo, compreendemos a captura e prisão de Nawal, pelo trajeto que as cartas conduzem os filhos, fazendo ressoar um desejo que se enreda à busca pelas origens. E neste sentido, perguntarmo-nos até que ponto aquilo que teve entrada pelo desejo, a busca pelo filho, a conduziu a algo da ordem do gozo, ou seja, em que a mesma busca pelas origens conduz ao objeto de desejo e ao inominável do gozo.

Como busca pelas origens, tema que o próprio autor refere como ponto comum ao quarteto de espetáculos, a infância aparece como “uma faca enterrada no pescoço” (MOUAWAD, 2013, p. 26, 71, 82, 130), frase que reaparece em vários momentos da peça pela voz de Nawal e outros personagens, e nos é emblemático da revelação de que o filho procurado por Nawal, fruto de seu amor com Wahab, é o carrasco Abu Tarek. A mulher que canta, como Nawal era chamada na prisão, e que com seu canto garantiu que não fosse morta, cala-se ao descobrir o nariz de palhaço, que deixara nas fraldas de seu filho, ser narrado pelo carrasco em seu julgamento como a única lembrança deixada pela mãe. Com isso, a faca da infância é desenterrada e com ela a revelação, oferecendo à protagonista um consolo impiedoso, em que desejo e gozo atestam suas disjunções.

Encontrando no silêncio uma maneira de suportar tamanho sofrimento, nossa protagonista permanece os últimos anos de sua vida sem dizer aos filhos gêmeos sobre suas verdadeiras origens; tragicamente ela mantém o conflito que aí se dispõe ao amar o filho e odiar o carrasco. Somente em sua morte ela consegue romper o silêncio através das cartas deixadas ao casal de filhos Simon e Jeanne e, conforme dissemos anteriormente, fazê-los encontrar verdades que só podem ser reveladas pela busca, conferindo assim ao testamento o caráter de testemunho de um dizer.

Busca por origens e suas revelações têm aí uma clara ligação com o sexo, não no sentido do encontro erótico dos corpos, mas do real do sexo que não se dilui nas explicações que os sujeitos forjam. O que do sexo se escreve e se transmite? Em última instância, não seria este o conteúdo das cartas enviadas por Nawal? Tratando-se de um discurso, que tem no passado e no presente seus pontos de enunciação, podemos dizer que este discurso determina funções que, seguindo o que nos diz Lacan (2009), estabelecem o escrito como gozo. As cartas da protagonista, neste sentido, são objetos que testemunham um gozo.

Trazer o registro do gozo para pensar o que está situado nas origens nos afasta, assim, de uma possível leitura ingênua a respeito de um passado mítico destituído do que há de traumático no sexo. Justamente porque o encontro com o sexual dá a ver um excesso que não pode ser de todo assimilado, o mito se constrói como organizador, ou seja, não se trata de negar um caráter mítico em torno das origens, no entanto, este caráter está intimamente ligado àquilo que não cabe de todo no discurso construído. Esta perspectiva, desde Freud (2014a) é sinalizada como importante operador clínico conceitual, que confere

ao trauma e à fantasia um caráter estruturante, o que terá com Lacan (1999; 2016) um maior avanço.

A partir de cartas, portanto, os gêmeos Jeanne e Simon alcançam, a um só tempo, o traumático do sexo que os originou e as produções de saber de Nawal Maruan a este respeito, e na medida em que estes dois registros são deixados aos filhos, podemos dizer que as cartas carregam um saber e um gozo de quem as escreveu. Estamos aqui no seio da carta/letra pensada por Lacan no *Seminário 18* (2009), como litoral entre saber e gozo, na medida em que é a fronteira entre o dizer de um gozo e o impossível dele se saber, fronteira esta que, como uma formação litorânea, conjuga campos distintos sem a clara determinação de seus limites nem uma reciprocidade entre eles.

Entre a pergunta da filha sobre a relação dos pais e a escrita endereçada a cada um dos destinatários, um gozo se escreve que não está todo contido na revelação do conteúdo das cartas, ou seja, a resposta através da organização discursiva não responde de todo às consequências que as cartas produzem, revelando assim os efeitos de discurso próprios a carta/letra também em sua face real.

Desta maneira, a entrada da noção de letra/carta nos ajuda, assim, a pensar os limites e as possibilidades do encontro com a origens e o que delas pode ser transmitido. Sem nos dedicarmos excessivamente à noção de letra no ensino de Lacan, que por sua densidade requereria um trabalho mais aprofundado que nos afastaria de nossos objetivos, destacamos a passagem, na obra lacaniana, da letra/carta [*letter*] pensada como suporte material do significante, a qual não se sabe o conteúdo, somente os efeitos provocados em quem a porta, trabalhado pelo autor em *Seminário sobre a Carta roubada* (LACAN, 1998), à *letter* enquanto escrita que faz litoral entre saber e gozo, trabalhado pelo autor no *Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante* (LACAN, 2009). Esta última perspectiva, diz respeito àquilo que nos referimos às operações com a carta no enredo de *Incêndios*³ (MOUAWAD, 2013).

De modo geral, podemos dizer que em ambas as perspectivas a respeito da letra, Lacan (1998; 2009) destaca sua diferença em relação ao significante sem, contudo, dele se apartar; no entanto, o que o avanço do trabalho a respeito da letra no ensino de Lacan aponta, e que muito nos interessa no presente trabalho, é a dimensão de cifra de gozo que a letra situa. Na medida em que o gozo não obedece às leis do significante, mas que a este se oferece de maneira fugidia, a letra – conforme nos mostra Lacan (2009) na lição *Lituraterra* do Seminário 18 – situa a escrita como forma de ascensão ao real, como maneira de “prover de ossos” (p. 13) o gozo. Estamos, portanto, em um cenário cuja busca pelas origens leva ao registro do real.

3. Uma maior elaboração a este respeito é realizada em Corrêa (2017).

Nestes termos, sublinhamos que a transmissão da carta/letra diz respeito à organização do discurso enquanto gozo, que neste sentido não diz respeito ao prazer, mas ao usufruto; goza-se das cartas enquanto se busca aquilo que elas movimentam. Não se trata, portanto, de revelar via carta uma mensagem de uma mãe aos filhos, mas de fazer uso daquilo que elas mobilizam; é a isto que assistimos nas diferentes reações dos gêmeos e nas cenas de retrospectiva da vida de Nawal, estão eles usufruindo dos incêndios que compõem a peça⁴ e que as cartas os conduzem.

Com isso, podemos dizer que além de revelações, as cartas são também invenções possíveis, criadas por Nawal, a partir daquilo que parece não caber no sentido. A criação deixada pela protagonista, na figura dos filhos e das cartas a eles endereçadas, dá mostras de uma maneira de operar com aquilo que lhe trouxera dor e é fruto do amor, o que é escrito no conteúdo das cartas (cf. MOUAWAD, 2013, p. 125-132); mas, antes mesmo de se ter acesso a este conteúdo, o movimento dos filhos em busca de um sentido à própria história, que as cartas mostraram não ser aquele que até então os orientava, apresenta a confluência entre amor e sofrimento. A busca por sentido, portanto, fracassa naquilo que o saber oferecia como amparo, isto porque este sentido é aparência, nos diz Lacan (2008b, p. 85):

Com efeito, um discurso como o analítico visa ao sentido. De sentido, é claro que só posso lhes dar, a cada um de vocês, o que vocês já estão encaminhados para absorver. Isto tem um limite, que é dado pelo sentido em que vocês vivem. Não é dizer muito, dizer que ele não vai muito longe. O que o discurso analítico faz surgir, é justamente a ideia de que o sentido é aparência. Se o discurso analítico indica que esse sentido é sexual, isto só pode ser para dar razão do seu limite. Não há, em parte alguma, última palavra, se não for no sentido em que última palavra é nem palavra, caluda – já insisti nisso. Sem resposta, nem palavra, diz em algum lugar La Fontaine. O sentido indica a direção na qual ele fracassa.

Na produção de sentido que indica seu ponto de fracasso, a trajetória de Nawal, e as consequências desta trajetória para os filhos, faz borrar as fronteiras entre criação e revelação, indicando uma transmissão possível e contingente de algo que não pode ser transmitido de todo, pois não encontra no próprio sujeito, Nawal Maruan, uma verdade plena. Ao encontrar no silêncio a maneira de lidar com a revelação de que o filho procurado era o abusador e, igualmente, o pai de seus filhos gêmeos, a protagonista parece testemunhar o limite da palavra diante do horror. Porém, até mesmo este silêncio alcança seus filhos, na medida em que, na cena que fecha o espetáculo, assistimos Simon e Jeane escutarem no gravador as fitas que registraram o silêncio de Nawal, silêncio até então sem qualquer sentido e, após a entrega das cartas a cada um de seus destinatários, sabe-se da resposta

4. A peça é dividida em quatro atos: Incêndio de Nawal, Incêndio da infância, Incêndio de Jannaane e Incêndio de Sarwane (MOUAWAD, W. *Incêndios*, 2013).

possível frente ao horror.

Édipo fura os próprios olhos ao descobrir que dormira com a mãe e assassinara o pai, e com isso dá alguma resposta diante da revelação do que fizera sem saber, mas não sem desejo, e com tal ato não apenas se autoflagela, mas também transmite algo de seu aos filhos, entre eles Antígona. Da mesma maneira, o ato de calar-se oferece a Nawal uma maneira de dar tratamento ao que descobrira e, igualmente, deixa pistas aos filhos, os quais precisam eles próprios fazer seus trajetos, com suas particulares reações, em direção ao que foi deixado pela mãe.

Desta maneira, podemos dizer que a busca pelas origens, para qual Nawal Maruan empurra os filhos, tem um caráter mítico, na medida em que carrega algo da verdade do sujeito, nas palavras de Lacan (2008a, p. 13): “o mito é o que dá uma formulação discursiva a algo que não pode ser transmitido na definição da verdade, porque a definição da verdade só pode se apoiar sobre si mesma”. Não havendo, portanto, um único referencial externo que guie e julgue o que é a verdade do sujeito, ela só pode se constituir a partir da busca que é, igualmente, construção mítica. Estamos, portanto, no cerne na noção de sujeito para a psicanálise, em que lançar mão do mito diz respeito a algo de estrutural.

O SUJEITO E SEU TRABALHO EM TORNO DO PRINCÍPIO E DO FIM

Desde Freud (2011), a relação entre particular e coletivo é situada em um contínuo, o qual permite a passagem de um a outro, de tal modo que quando o autor se dedica a pensar fenômenos de massa, também recolhe importantes questões em relação aos processos de identificação. Da mesma maneira, acompanhamos Freud pensar a dinâmica civilizatória atravessada por anseios e fantasias, como um tratamento àquilo que há de mais primordial no humano, sua condição de desamparo, o que ajuda a compreender construções humanas como a religião (FREUD, 2014b; 2010d). Logo, subjetivação e construção de laços sociais são questões que muito interessam à psicanálise, justamente pela impossibilidade de um rompimento de vínculos entre um e outro.

Com esta perspectiva, o trabalho a respeito do que seriam as origens e o fim se inclui nesta fronteira entre o singular e o coletivo, nos convidando a pensar a maneira com que o registro do sexo e da morte podem ter alguma amarração para o sujeito, na medida em que, como desde Freud (2010b) é concebido na psicanálise, tais registros não têm representação inconsciente. Diante da impossibilidade de representar o sexual contido nas origens e o mortífero contido na perda de um objeto amado, o sujeito não é encaminhado à impotência, na qual nada pode ser feito, mas, ao contrário, lança mão de saídas possíveis e contingentes, nas quais o trabalho de dar *alguma* representação é acompanhado de um enlace cultural.

Nas duas obras teatrais a que corremos, o traumático do sexo, situado na origem incestuosa presente nas duas narrativas – em *Antígona* (SÓFOCLES, 2009), dizendo respeito às origens da própria protagonista e seus irmãos, e em *Incêndios* (MOUAWAD, 2013) em relação ao casal de gêmeos, frutos da violência sofrida por Nawal, por parte daquele que posteriormente veio saber ser seu filho –, e a morte como algo que escapa ao sujeito, lhe impondo o trabalho de elaboração do luto, estão colocadas de saída e atravessam os enredos. Ao pensarmos, a partir de *Antígona*, a importância dada ao rito fúnebre, e, a partir de *Incêndios*, a construção de um mito das origens, é à busca por contornos possíveis para o sexo e para morte a que nos referimos.

Através da contraposição à lei do Estado e do endereçamento de cartas, pensamos não apenas gestos individuais de nossas personagens, mas recolhemos o que estes gestos podem oferecer acerca do sujeito. Na medida em que Antígona é tomada, a partir da leitura de Lacan (1995), para pensar o registro do Belo em seu caráter disruptivo e daí recolher consequências para trabalhar o destino sublimatório e a ética da psicanálise, notamos que a leitura lacaniana encontra na narrativa de Sófocles frutíferas questões para a psicanálise, dentre elas, pinçamos a relação com o significante, como algo que está na constituição do sujeito e que não pode ser pensada sem a morte que impõe.

A morte, portanto, é aqui tomada fora de um caráter paralisante e é situada como aquilo sem o qual o sujeito sequer advém e, assim como diz respeito à entrada na linguagem enquanto sujeito do inconsciente, também estará presente nos modos com que a finitude pode ser elaborada. Eis aí a importância do rito fúnebre como algo que inscreve a perda de modo simbólico e imaginário, ou seja, confere um sentido compartilhado publicamente e, ao mesmo tempo, dá contornos particulares à perda daquele sujeito. Este movimento, que Freud (2010c) situa como fundamental no trabalho de luto para lidar com a perda do objeto, com Lacan alcança proporções que não dizem respeito apenas à elaboração do luto, ainda que também esteja colocada, mas sinalizam um caráter inerente ao sujeito, que o acompanha aquém e além da finitude corporal.

Também a partir de uma morte, se inicia o enredo de *Incêndios* (MOUAWAD, 2013) e, ainda que um pedido de rito fúnebre específico esteja colocado já nas primeiras cenas, o que acompanhamos é o caminhar em direção às origens, caminhar este que é feito a partir de revelações alcançadas através de cartas. Neste sentido, nossa recorrência ao conceito de letra/carta no ensino de Lacan (1998; 2009), ainda que breve, nos ajudou a pensar a construção de um mito das origens que é, a um só tempo, invenção e recolhimento de elementos anteriores, de tal modo que a construção de um saber em torno das origens encontra fronteiras com o gozo presente nas origens, ou seja, retornamos ao caráter sexual, nunca completamente simbolizado.

Nossa perspectiva de mito das origens, portanto, carrega o traço do que não cabe na própria narrativa mítica, pois, tal qual Freud (2018) pontua sobre as teorias sexuais infantis, o saber construído é ele próprio mobilizado pela pulsão sexual, logo, não diz respeito exclusivamente a uma apreensão objetiva do conhecimento. Entre algum saber que dê contornos ao sexual e o gozo que não cabe nos registros do saber, algo pode ser escrito e, assim como as cartas de Nawal, endereçado, funcionando como uma transmissão do que escapou ao próprio sujeito que as escreveu. Neste sentido é que, nos guiando por Lacan (2009), o litoral entre saber e gozo, situado nas cartas da protagonista, nos ajuda a pensar a noção de mito organizador do sexual e do mortífero.

Concluimos nosso trabalho, sinalizando o inescapável encontro com o sujeito do inconsciente, promovido por ambos registros aqui trabalhados – rito fúnebre e mito das origens –, em que morte e vida convocam constantemente à construção de laços culturais e geracionais. Antígona e Nawal Maruan, portanto, nos conduziram a diferentes questões e, como o artista sempre antecipa o psicanalista, oferecem ainda outras entradas possíveis através dos enredos encenados, lançando novos convites de construção de saber ou de usufruto aos leitores/espectadores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. V. *Mito e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

COISSARD, F. *Incendies: étude critique*. Paris: Editions Champion, 2014.

CORRÊA, H. C. S. *O feminino nos caminhos da pulsão: da sublimação à escrita*. 2017. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

ELIADE, M. *Aspecto do mito*. Lisboa: Edições 70, 2000.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. 4.

FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 12, p. 13-50.

FREUD, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 12, p. 209-246.

FREUD, S. Luto e Metancolia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. Vol. 12, p. 170-194.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. Vol. 18, p. 13-123.

FREUD, F. Nova Conf. XXXII: Angústia e instintos. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e. Vol. 18, p. 224-262.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Vol. 15, p. 13-113.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. Vol. 17, p. 13-123.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. Vol. 17, p. 231-301.

FREUD, S. *Totem e Tabu*: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2017.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais infantis. In: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud*: amor, sexualidade, feminilidade. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. Vol. 7, p. 95-116.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. Seminário sobre "A Carta Roubada" (1956). In: LACAN, J. *Escritos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 13-66.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, J. *O mito individual do neurótico (1953)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008a.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008b.

LACAN, J. *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1971)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

LACAN, J. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2016.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1985.

LESKY, A. *A tragédia grega*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MENARD, R. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Fittipaldi Editores, 1985.

MOUAWAD, W. *Littoral*. Montréal: Leméac Éditeur et Éditions Actes Sud: Arles, 2009a.

MOUAWAD, W. *Forêts*. Montréal: Leméac Éditeur et Éditions Actes Sud : Arles, 2009b.

MOUAWAD, W. *Ciels*. Montréal: Leméac Éditeur et Éditions Actes Sud: Arles, 2009c.

MOUAWAD, W. *Incêndios*. Tradução: Angela Leite Lopes. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RUDNYTSKY, P. *Freud e Édipo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SÓFOCLES. *Antígone de Sófocles*. Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

VERNANT, J. P. *A morte nos olhos: figurações do outro na Grécia antiga*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

VERNANT, J.P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VIEIRA, T. A voz contrária de Antígone. In: SÓFOCLES. *Antígone de Sófocles* Tradução: Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 11-22.

VORSATZ, I. *Antígona e o fundamento ético da psicanálise*. 2020. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A

- Ab-reação 194, 195
- Adoecimento psíquico 12, 18
- Afetos 31, 63, 180, 183, 184, 188, 197
- Afrodite 70, 71, 75, 81, 83
- Ágave 174, 176, 181
- Ágon 111
- Agressividade 12, 16, 17, 18, 24, 60, 96, 115, 177, 196, 199
- Alegria trágica 25, 26
- Alteridade 38, 42, 44, 45, 50, 52, 59, 156, 159, 166, 168, 169
- Alucinose 3
- Amazonas 71
- Amor materno 65, 147, 148, 153, 187
- Anacronia 125, 126, 132, 140
- Antiemoção 3, 7
- Antígona 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124
- Aparelho de pensar 3
- Aparelho mental 13, 14, 16, 22
- Aparelho psíquico 13, 14, 16, 22, 60, 61, 134, 180
- Apolo 54, 77, 181
- Área transicional 31
- Areté 66, 69, 76, 81, 193, 197
- Argo 66, 67, 69, 72, 80, 81
- Argonautas 66, 69, 70, 71, 72, 73, 83
- Ártemis 72, 73
- Aspectos trágicos da condição humana 11
- Atemporalidade do inconsciente 132
- Atemporalidade dos mitos 173
- Ato filicida 144, 153, 198, 199
- Ato infanticida 148
- Ato trágico 141
- Automatismos psíquicos 4
- Autônoe 174

B

Bacantes 172, 174, 176, 181, 182, 185, 186

Baco 54, 174

Busca pelas origens 114, 115, 117, 118, 120

Busca pela verdade 2

Busca por sentido 90, 119

C

Cadmo 66, 71, 181

Caos 59, 60, 106, 169

Capacidade de empatia 36

Capacidade de pensar 2, 5

Caráter mítico 117, 120

Caráter trágico 102

Caráter transgressor 96

Cartas-testamento 116

Casos-limite 172, 184

Castração 39, 44, 46, 56, 82, 101, 150, 161, 165

Catarse 188, 194, 195, 203, 204

Cefiso 48, 50, 61

Ciclo odioso 116

Cinema 46, 88, 89, 90, 91, 104, 106

Cipris 75

Circe 67, 72

Civilização 18, 28, 29, 30, 45, 109, 122, 196, 203, 205, 207

Clínica psicanalítica 3, 6, 10, 19, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 141, 166, 170, 172, 179, 181, 183

Clitemnestra 69

Clivagem 144, 162, 180

Cólquida 66, 67, 69, 71, 75, 80

Comoção 187, 193, 196, 198, 201

Complexo de Édipo 11, 15, 23, 32, 86, 132, 139, 150, 151, 152, 153, 161

Compulsão à repetição 17, 52, 62, 163

Condição humana 1, 11, 13, 17, 40, 90, 91, 103

Condição trágica 23, 26, 28

- Condição transgressiva 87, 104
- Conflito 11, 13, 17, 24, 26, 34, 87, 111, 117, 173, 174, 178, 181, 189, 198, 206
- Conflito pulsional 13, 17
- Conhecimento das verdades penosas 1
- Conjugalidade 39, 42
- Consciência 6, 11, 14, 21, 23, 25, 87, 88, 92, 93, 97, 102, 103, 133, 140, 160, 162, 166, 173, 175, 199, 200
- Consciência trágica 173
- Consciente 21, 33, 35, 50, 63, 74, 132, 169, 173, 174, 175, 182, 184, 194, 196
- Constituição do aparelho psíquico 22, 134
- Constituição Psíquica 34
- Construção de sentidos 91, 109
- Corinto 66, 73, 128, 129, 130, 138, 146, 147, 189, 191
- Creonte 66, 73, 82, 110, 111, 112, 114, 127, 128, 129, 130, 139, 146, 189, 190
- Creúsa 66, 73, 79, 81
- Criatividade 86, 87, 158
- Culto dionisíaco 174
- Cultura 1, 12, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 36, 82, 85, 89, 106, 108, 109, 113, 114, 147, 150, 151, 161, 181, 203, 206
- Cultura antimente 1
- Cultura contemporânea 89
- Cultura grega 85
- D**
- Delfos 127, 128, 129, 130, 138
- Demefonte 41
- Deméter 31, 32, 40, 41, 42, 43, 45, 46
- Dependência absoluta 31, 33
- Dependência relativa 31, 33
- Desamparo 11, 13, 14, 15, 19, 24, 42, 43, 67, 98, 120, 166
- Descarga pulsional 194
- Desejo 3, 4, 7, 11, 14, 15, 25, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 58, 59, 60, 61, 76, 86, 87, 96, 97, 101, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 120, 123, 144, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 168, 169, 176, 188, 190, 195, 196, 197, 199, 200, 201
- Desejo transgressivo 96, 97

- Desenvolvimento emocional 31, 33, 37, 44, 46, 51, 98
- Desenvolvimento infantil 31, 33, 49, 104
- Desmedida 87, 102, 103, 180, 184, 185, 193, 197
- Destino 5, 15, 49, 62, 66, 79, 81, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 121, 129, 137, 138, 139, 140, 149, 157, 173
- Devir heroico 65, 69, 81, 83
- Diferenciação subjetiva 32, 44
- Dinâmica civilizatória 120
- Dinâmica das pulsões 177
- Dioniso 24, 25, 87, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 186
- Dióscuros 69
- Discurso trágico 12
- Disjunção entre a mulher e a mãe 143, 148
- Dor mental 1, 2, 4, 7
- Dor psíquica 22, 26, 27, 28
- Dualismo pulsional 16, 17, 24
- Dupla mãe-bebê 32, 36, 37, 44
- E**
- Eco 48, 49, 52, 59
- Édipo 11, 14, 15, 23, 32, 66, 82, 86, 103, 107, 110, 111, 114, 120, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 150, 151, 152, 153, 161, 181
- Elementos inconscientes 103
- Elementos psicanalíticos 86, 104
- Elêusis 41
- Engrenagem suicida 1, 2, 3, 5, 7
- Enigma anacrônico 140
- Enigma da psicanálise 141
- Enigma edípico 125, 126
- Entusiasmo 48, 174, 180, 181
- Erínias 81
- Eros 7, 16, 17, 24, 25, 27, 30, 48, 49, 52, 59, 60, 61, 62, 71, 86, 177, 178, 179, 181, 184
- Erro trágico 87, 102, 103

Escuta psicanalítica 156, 158
 Esfinge 82, 138, 139
 Espelho psíquico 56
 Ésquilo 5, 8, 25, 143, 173, 188
 Estado mental 4, 100
 Estados-limites 180
 Estágio do espelho 51, 53, 54, 55, 56, 63
 Estruturação do sujeito 109
 Etéocles 110
 Ética da clínica psicanalítica 23
 Ética da psicanálise 109, 110, 111, 112, 114, 121, 123, 124
 Ética trágica 10, 12, 13, 22, 27, 28, 186
 Ética trágica da psicanálise 13, 22, 186
 Eurípedes 25, 145, 152, 186, 188, 203
 Excesso 31, 69, 87, 96, 117, 145, 158, 178, 193, 203
 Experiência cinematográfica 91
 Experiência de contato emocional 3
 Experiência emocional 3, 5
 Expressões míticas contemporâneas 89
 Êxtase 24, 174, 175, 180, 181
 Êxtase báquico 175

F

Falhas do ambiente 33
 Fedra 75
 Feminilidade 8, 37, 42, 44, 46, 47, 123, 151, 152
 Fenômenos transicionais 33
 Figura materna 97, 98, 101
 Filicídio 144, 147, 187, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 203
 Fim trágico 92, 102, 103
 Formação do Eu 50
 Formação reativa 187, 199
 Fórmulas da sexuação 150, 151
 Frenesi báquico 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 185
 Frenesi dionisíaco 174

Frixo 66, 69
Função do analista 156
Função do psicanalista 167
Função materna 33, 36, 44, 98, 151
Função paterna 34, 35, 36, 44, 46, 95
Funcionamento psíquico 1, 2, 176, 196
Fundamento da clínica 158
Fundamentos da psicanálise 12
Fundamentos da técnica psicanalítica 11, 23

G

Glauce 146, 189
Gozo 53, 117, 118, 119, 121, 122, 145, 149, 155, 167, 168

H

Hades 40, 42, 43, 45
Hécate 67, 73
Helena 69
Hélio 40, 67
Hemon 112
Hera 52, 71, 75, 81, 83, 193
Hércules 69, 70, 83, 105
Hermes 68, 77
Herói trágico 87, 88, 91, 92, 95, 96, 102, 103, 104, 173, 175, 193
Hesíodo 5, 8, 60, 63
Hipólito 75, 84, 153
Histórias de captura 38, 46
Homem contemporâneo 19, 20
Homem psicanalítico 102
Homem trágico 103, 173
Homero 25
Horror 11, 15, 79, 110, 111, 116, 119, 120, 127, 146, 147, 187, 188, 198, 200, 201
Humanidade 6, 82, 87, 92, 96, 102, 103, 113, 173, 181, 196
Hýbris 67, 69, 73, 77, 87, 106, 175, 176, 180, 181, 184, 186, 193, 204

I

- Identidade 31, 32, 38, 44, 45, 54, 82, 127, 130, 137, 138, 139, 141, 169
- Identificação projetiva 5, 99, 100, 101, 106
- Imagem especular 49, 53, 55, 59
- Imagem inconsciente do corpo 55, 56, 57, 63
- Imobilidade mental 3, 4
- Inconsciente 11, 14, 15, 21, 29, 35, 49, 50, 55, 56, 57, 60, 63, 86, 90, 97, 108, 109, 114, 120, 121, 122, 123, 125, 132, 133, 134, 136, 138, 141, 150, 156, 158, 163, 164, 166, 168, 169, 174, 175, 176, 183, 184, 188, 194, 196, 198, 201, 203
- Independência 32, 33, 45, 115
- Indivíduo 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 26, 27, 31, 54, 56, 61, 69, 97, 98, 101, 174, 178, 185, 188, 195
- Ino 174
- Inominável do gozo 117
- Interpretação 8, 29, 30, 35, 88, 89, 122, 123, 134, 136, 141, 154, 157, 158, 161, 176, 183
- Investimento libidinal 34, 52
- Investimento narcísico materno 34
- Investimento pulsional 38
- Ismene 110, 112

J

- Jasão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 197, 199
- Jocasta 14, 46, 82, 128, 129, 130, 131, 138, 139
- John Connor 85, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104

L

- Labdácidas 114
- Laço social 111
- Laio 14, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139, 141
- Linguagem 22, 46, 53, 57, 62, 63, 90, 106, 109, 112, 121, 126, 135, 141, 165, 168, 170, 188
- Liríope 48, 49, 50, 51, 56, 61
- Loucura privada 172, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

M

Mãe odiosa 145, 147

Mãe suficientemente boa 98

Mal-estar contemporâneo 12, 22

Mal-estar pós-moderno 13

Maternagem suficientemente boa 33

Maternidade 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

Medeia 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Mênades 174, 177

Mérope 128, 129, 130, 138

Metamorfose 49

Metanira 41

Metapsicologia 21, 24, 61, 144

Método psicanalítico 174

Metonímia do desejo de falo 150

Mídias contemporâneas 89, 90

Mito 6, 32, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 67, 68, 73, 75, 77, 83, 85, 86, 89, 91, 106, 108, 109, 110, 114, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 153, 169, 186, 188, 189, 203, 204

Mito das origens 108, 109, 110, 114, 121, 122

Mitologia contemporânea 90

Mitologia grega 9, 11, 83, 86, 104, 106, 108, 132, 141, 172, 185, 202, 203, 204, 206

Moções pulsionais 184, 196, 200

Morte 1, 5, 6, 11, 14, 15, 16, 17, 23, 24, 27, 45, 49, 52, 58, 59, 60, 62, 66, 67, 81, 82, 96, 97, 100, 105, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 130, 143, 145, 146, 157, 161, 162, 164, 169, 172, 174, 177, 178, 180, 192, 193, 194

Mudança 2, 5, 8, 9, 16, 25, 137, 141, 146, 162

N

Narcisismo 32, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 56, 61, 62, 86, 162, 170

Narciso 40, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Narrativas mitológicas 89, 105

Nêmesis 48, 52

Norma fálica 148, 153

O

Objeto 3, 14, 38, 44, 49, 50, 51, 55, 60, 62, 63, 65, 89, 99, 100, 101, 117, 120, 121, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 161, 162, 163, 167, 177, 178, 179, 187, 196, 197, 199, 201

Objeto causa de desejo 148, 152, 153

Objeto de desejo 117

Objetos a 144, 148, 150, 151, 152

Objetos primários 97

Obturação da castração 150

Ódio 3, 4, 15, 31, 73, 80, 98, 116, 143, 145, 146, 147, 148, 153, 161, 167, 190, 199

Ódio ao pensamento 3

Olimpo 40, 41, 43, 71

Oráculo 48, 49, 50, 66, 127, 128, 129, 130, 131, 138

Ordem do gozo 117

Orfeu 69, 71

Organização narcísica 183

Origens 17, 18, 21, 76, 108, 109, 110, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122

P

Pai 11, 14, 15, 16, 23, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 42, 44, 50, 66, 67, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 93, 95, 96, 102, 111, 115, 119, 120, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 146, 147, 148, 151, 153, 161, 174, 176, 191, 194, 197

Paixões humanas 188, 189

Pandora 5, 6, 7

Panteão helênico 59

Parto subjetivo 44, 45

Pensamento trágico 17

Penteu 174, 175, 177, 181

Persecutoriedade 99

Perséfone 31, 32, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 73

Personagens femininas 143

Perspectiva trágica 13

Pólibo 128, 129, 130, 138

Polimórfico-perverso 196, 200

- Polínicos 110, 112, 113, 114
- Pólis 85, 196
- Posição depressiva 101
- Posição esquizoparanóide 101
- Posídon 71
- Pós-modernidade 10, 13, 17, 19, 20, 27, 28
- Prática analítica 126, 136
- Prática clínica 133, 151, 156, 169
- Primeiras experiências relacionais 31
- Princípio de realidade 164, 195, 196
- Princípio do nirvana 16
- Princípio do prazer 16, 52, 60, 63, 163, 175, 176, 185
- Processo analítico 44, 45, 168
- Processo civilizatório 187, 198
- Processo de emancipação psíquica 32
- Processos de identificação 120
- Processos de separação e individuação 34
- Procusto 156, 157, 167, 169, 170
- Produção de sentido 119
- Projeção 50, 51, 53, 56, 99, 100
- Prometeu 5, 6, 7, 8
- Psicanálise 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 45, 46, 47, 61, 62, 63, 65, 68, 83, 84, 86, 88, 89, 91, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 149, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 161, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 183, 185, 186, 188, 202, 203, 204, 205, 206, 207
- Psiquismo 2, 5, 7, 9, 20, 22, 27, 34, 35, 36, 37, 38, 52, 56, 62, 91, 97, 106, 161, 164, 178, 179, 184, 186, 195, 196, 199, 200, 201, 203
- Pulsão 6, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 27, 49, 52, 59, 60, 62, 108, 122, 169, 172, 177, 178, 198, 199, 200
- Pulsão de morte 17, 27, 52, 59, 60, 62, 169, 172, 177, 178
- Pulsão de vida 23, 27, 49, 52, 59, 60, 177
- Purgação 193, 194

R

- Realidade humana 2, 4

Recalcamento 86, 144, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Recalque 165, 187, 198, 199

Recursos egóicos 31

Registro do desejo 109

Registro do gozo 117

Registro do mito 108

Registro próprio ao sujeito 114

Relação mãe e filha 32, 46

Relação mãe-filho 150

Representante do terceiro 32, 44

Repúdio 4, 187, 199

Revelação 114, 115, 117, 118, 119, 120, 127, 128, 137

Rito fúnebre 108, 109, 110, 113, 115, 121, 122

Rituais orgiásticos 174

Ritualização da morte 109, 114

Ruptura de campo 136

S

Segredo 72, 115

Sêmele 73, 174

Sentimento inquietante 160, 164

Separação 20, 31, 32, 34, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45, 51, 115, 133, 144

Série simbólica do falo 144

Sexualidade genital 42

Significante 112, 113, 114, 118, 121, 150

Simbiose 32, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46

Simbiose patológica 36, 37, 40, 44, 46

Simbolização da morte 109

Simplégades 71, 75

Singularidade de sujeito 49

Sociedade contemporânea 90

Sociedade pós-moderna 12, 13, 18, 28

Sófocles 11, 14, 15, 25, 103, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 173, 188

Sufrimento 2, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 32, 42, 43, 45, 49, 55, 97, 112, 117, 119, 145, 146, 167, 189, 190, 197, 198

Sufrimento humano 2
 Sofrimento psíquico 12, 13, 18, 22
 Subjetivação da morte 110
 Subjetividade 13, 19, 36, 51, 55, 57, 59, 61, 62, 63, 89, 96, 166, 168, 188, 206
 Sublimação 23, 108, 110, 111, 122
 Sujeito do inconsciente 109, 114, 121, 122, 150
 Sujeito psicanalítico 103

T

Tebas 82, 110, 127, 128, 129, 130, 138, 139, 174, 181
 Témis 73
 Tempo 1, 3, 5, 6, 11, 13, 23, 26, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 48, 49, 55, 56, 59, 60, 66, 69, 70, 75, 82, 85, 89, 92, 96, 97, 100, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 118, 121, 123, 125, 126, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 150, 151, 154, 157, 159, 160, 162, 163, 168, 172, 176, 181, 184, 188, 189, 190, 194, 198, 200, 201
 Tempo lógico 126, 132, 134, 135, 136, 141
 Tempo mítico 109
 Tendência transgressiva 96
 Teoria das pulsões 21, 109, 178
 Teoria psicanalítica 11, 17, 23, 86, 95, 108, 122, 124, 132, 143, 155, 164, 182, 188, 206
 Tese falo-filho 150
 Testamento 115, 116, 117, 165
 Thanatos 7, 25, 27
 Timé 66, 69, 76, 81, 193, 197
 Tírésias 48, 49, 50, 69, 127, 128, 131, 139, 175, 181
 Tragédia da vida 23, 24
 Tragédia grega 11, 13, 14, 17, 86, 91, 94, 103, 111, 123, 144, 172, 174, 178, 188, 194, 196, 197, 203
 Transferência 17, 133, 136, 156, 167, 168, 170, 182, 183, 184
 Triangulação edípica 39

U

Ulisses 67, 77

V

Velocino de ouro 66, 67, 70, 71, 72, 83

Vida mental 4, 5, 134, 163

Vínculo 31, 36, 46, 158

Vínculo mãe-criança 36

Vingança 5, 43, 67, 70, 75, 82, 143, 146, 147, 148, 153, 187, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 201

Vinho 54, 174, 180, 181, 182

Violência psíquica 3

Z

Zeus 5, 40, 41, 42, 43, 66, 69, 71, 73, 83, 110, 138, 174

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Atena
Editora
Ano 2023



 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

DO MITO GREGO À PSICANÁLISE:

RESSONÂNCIAS


Ano 2023

